



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CAMPUS ANGICOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS, TECNOLÓGICAS E
HUMANAS - DCETH
CURSO BACHARELADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MARCELA DUARTE DE MELO ALENCAR

**VISIBILIDADE DE GÊNERO NO CORPO DISCENTE DO CURSO CIÊNCIA E
TECNOLOGIA NA UFERSA ANGICOS: HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES**

ANGICOS-RN
2013

MARCELA DUARTE DE MELO ALENCAR

**VISIBILIDADE DE GÊNERO NO CORPO DISCENTE DO CURSO CIÊNCIA E
TECNOLOGIA NA UFERSA ANGICOS: HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Campus Angicos para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marcela Carvalho Martins Amaral– UFERSA.

ANGICOS-RN
2013

Catlogação na Fonte

Biblioteca Universitária Campus Angicos (BCA-UFERSA)

A368v	Alencar, Marcela Duarte de Melo. Visibilidade de Gênero no Corpo Discente do Curso Ciência e Tecnologia na UFERSA Angicos: Histórias de Vida e Identidades / Marcela Duarte de Melo Alencar. – Angicos, RN : UFERSA, 2013. 37 f. : il. Monografia (Graduação em Ciência e Tecnologia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Campus Angicos. Orientadora: Prof. ^a D. Sc. Marcela Carvalho Martins. Amaral. 1. Mulher. 2. Desigualdade. 3. História de Luta. 4. Universidade. I. Título. RN/UFERSA/BCA	CDD 305.4
-------	--	-----------

MARCELA DUARTE DE MELO ALENCAR

**VISIBILIDADE DE GÊNERO NO CORPO DISCENTE DO CURSO CIÊNCIA E
TECNOLOGIA NA UFERSA ANGICOS: HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES**


Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA,
Campus Angicos para obtenção do título de
Bacharel em Ciência e Tecnologia.

APROVADA EM: 10/04/2013

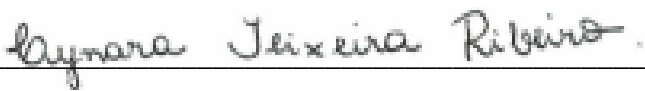
BANCA EXAMINADORA


MARCELA CARVALHO MARTINS AMARAL

Presidenta


Profª M.Sc. Jacimara Villar Forbeloni – UFERSA

Primeiro Membro


Prof.ª Dra. Cynara Teixeira Ribeiro – UFERSA

Segundo Membro

A meu avô, **Enéas Moreira de Alencar** (*in memoriam*) pelo exemplo de homem guerreiro que foi, e por todo apoio que me deu durante a minha vida.

A minha avó, **Helena Freitas de Alencar**, avó/mãe por ela ser a minha luz de todas as manhãs, pelo amor incondicional e dedicação que ela tem por mim e por toda sua família e pelo exemplo de mulher batalhadora e guerreira que é.

Aos meus pais **José Claudinísio Alencar**, e **Maria de Fátima Duarte de Melo** pelo exemplo de esforço e dedicação que tem pelos seus filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas inúmeras vezes que pensei que não iria conseguir, e ele sempre me mostrava o contrário me dando força para continuar, e pela benção e iluminação de todos os dias.

Aos meus avós, Enéas Moreira de Alencar (*in memorian*) e Helena Freitas de Alencar, pela dedicação e amor incondicional que tem por mim, e pelo apoio durante toda a minha caminhada acadêmica, apoio esse que foi essencial na minha vida. E pelo exemplo de fé e amor que são. Espero um dia ser capaz de contribuir todo amor e dedicação que teve e tem por mim, sem dúvida nenhuma AMO vocês.

Aos meus pais, José Claudinísio Alencar e Maria de Fátima Duarte de Melo, por ter me dado a maior virtude, a de viver. E pela dedicação, amor e carinho que tem por mim e pelos meus irmãos, e pelo exemplo de guerreiro que são, vocês são essenciais na minha vida, amo vocês.

Aos meu irmãos, Liano Carlos, Valéria Alencar, Lucas Alencar, Clarisse Guerreiro, Maria Clara Guerreiro, por todo o companheirismo vivido, e demonstrações de apoio e carinho que me deram.

Aos meus familiares por todo apoio que me deram. Principalmente a minha tia/mãe Cleide Freitas Alencar, por tudo que fez e faz na minha vida, pelo exemplo de mulher guerreira que é, só tenho a agradecer-la.

Aos professores que me ajudaram nessa longa caminhada, que sem os seus ensinamentos nada disso seria possível, principalmente a minha orientadora Marcela Martins Amaral pela enorme paciência que teve comigo, e a professora/mãe Andréa Galindo pelas críticas construtivas, e pelo apoio que me deu. A vocês o meu muito obrigada.

As professoras da banca, Jacimara Villar e Cynara Texeira, por se disporem a contribuir com este trabalho.

Aos meus amigos e companheiros de lutas diária, Dandara Monteiro, Ferreira Neto, Paulo César, Sheila Graziela, Izaac Braga, Felipe Yuri, Pablo Vinicius, Tereza Noêmia,

Jordana Lira, Gislânia Dantas, Sâmia Senna, Oslanny de Lima, Laura Freire, Silas Maia, Fayruzy Costa, Joelma Garrido, Rodolpho Rodrigo, Monaliza Lopes, Hálison Fernandes, Thaysa Senna. A vocês obrigada por ter contribuído de alguma forma para essa conquista.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

A história da representatividade feminina ao longo dos anos mostra os vários aspectos sociais que colaboram com as questões das desigualdades entre homens e mulheres na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. Esta revisão expõe a construção histórica do homem na sociedade, fazendo um levantamento da história de luta das mulheres, mostrando o processo de busca por espaço na sociedade e, principalmente, no mercado profissional, o que reflete diretamente a inserção da mulher na universidade. O presente trabalho tem por objetivo analisar a visibilidade do gênero, principalmente, feminino no âmbito do curso de Ciência e Tecnologia da UFERSA- Campus de Angicos, mostrando a relação entre o curso e as histórias de vida das alunas. Foi realizada uma revisão bibliográfica, em seguida uma pesquisa documental quantitativa e qualitativa com os discentes da UFERSA do Campus Angicos, dentre as quais, podem-se destacar depoimentos relatando a vivência das alunas. Como resultando da análise verificou-se que mais homens ingressam no curso Bacharelado em Ciência e Tecnologia, mas em compensação há uma maior desistência e evasão por conta dos mesmos. Com isso, pode-se reafirmar que o número de homens é superior ao de mulheres matriculado, implicando no preconceito e discriminações que elas vivenciaram por parte dos discentes, docentes e até mesmo pelos seus familiares por ingressar em uma área de predominância masculina.

Palavras-chave: Mulher. Desigualdade. História de luta. Universidade.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Empregos para engenheiros no Brasil dividido pelo sexo, entre os anos de 1990 e 2000	23
Gráfico 2- Quantidade de homens e mulheres que ingressaram no curso de BCT entre os períodos de 2009 a 2012, na UFERSA, Campus de Angicos-RN.....	27
Gráfico 3 - Desistência do curso de BCT no campus de Angicos.....	28
Gráfico 4 - Porcentagem de desistência de acordo com o sexo.	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 MOVIMENTO FEMINISTA E GÊNERO.....	13
2.2 MULHER E MERCADO DE TRABALHO	16
2.3 MULHER E CIÊNCIA.....	19
2.3.1 A Mulher na Engenheira	23
3 METODOLOGIA.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a visibilidade de gênero no corpo discente da UFERSA/Angicos, exclusivamente o curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia-BCT, pensando, deste modo, na relação entre o curso e as histórias de vida das alunas, bem como das identidades de gênero. E também de conhecer o quadro atual da universidade, e poder contribuir com novas pesquisas científicas. E com isso responder questões como: Realmente existe diferença entre gênero no curso? As mulheres nessa área sofrem preconceitos ou discriminações?

A opção pelo BCT se fez por este ser o primeiro ciclo da formação que dá acesso aos cursos de engenharia da Universidade, que historicamente são cursos majoritariamente masculinos.

Ademais, a opção em trabalhar esta problemática no Trabalho de Conclusão de Curso foi motivada pela pesquisa de iniciação científica em andamento em que sou orientada pela Prof^a. Dr^a. Marcela Amaral. O plano de trabalho de PICI é financiado pela Universidade e vem sendo desenvolvido desde o mês de agosto de 2012, integrando um projeto maior da professora, intitulado *Igualdade de Gênero na UFERSA: uma análise do campo científico e tecnológico local*.

Cabe ressaltar, ainda, que além das motivações fundamentadas em minha participação na iniciação científica, há ainda os elementos que caracterizam minha própria trajetória como mulher, aluna do BCT e futura engenheira. Ao longo do tempo que passei neste curso e a partir dos estudos realizados junto ao grupo de orientandos/as envolvidos naquele projeto, pude perceber como se configuram as relações de gênero no meio acadêmico.

Inicialmente, cabe observar que o campo científico desde a sua formação foi sendo construído como espaço exclusivamente masculino. Os quadros científicos foram construídos de forma androcêntrica, impactados por valores patriarcais, de modo que não havia espaço para ingresso de mulheres.

Segundo Carvalho (2011), as mulheres sempre produziram conhecimento, embora a ciência que se consolida a partir do olhar masculino nem sempre auxilie as necessidades femininas. A mulher sempre enfrentou obstáculos em todos os meios que circulava tanto na Academia, nas Universidades e na construção de suas carreiras profissionais e científicas. Ainda hoje sofrem preconceitos e discriminações pelo simples fato de serem mulheres, sem que sejam consideradas suas competências no campo de atuação profissional. Apesar das

dificuldades, continuaram a pesquisar, conhecer e trazer soluções inovadoras para a humanidade, pois esta busca pelo conhecimento e curiosidade do novo é inerente a qualquer ser humano, seja homem ou mulher. Ambos têm a mesma capacidade de realizar pesquisas científicas e produzir conhecimento.

Atualmente as mulheres alcançaram amplo ingresso na Universidade, mas ficaram concentradas em áreas de humanas, pelo fato de estar relacionado ao educar/cuidar substituindo as tarefas domésticas, e os homens ficaram concentrados em áreas tecnológicas, ocorrendo assim uma divisão sexual de profissão. Dados confirmam que o número de homens que ingressam em áreas tecnológicas é superior aos das mulheres. Então elas buscando assim uma igualdade nessa área, mas essa não é uma tarefa fácil, pois elas passam por preconceitos e dificuldades devido essa área ser predominantemente masculina.

A primeira parte do trabalho constituiu em entender o porquê do surgimento dos movimentos feministas, a relação do poder do homem sobre a mulher (patriarcado) até o surgimento do conceito de gênero. Apesar das mulheres terem conquistado alguns direitos na sociedade, elas continuavam submissas ao homem. Então a segunda parte do trabalho foi trazer à tona a primeira vez que a elas saíam das sombras deles e vieram a “contribuir” com a sociedade, surgindo assim no mercado de trabalho. Trazendo também à tona a invisibilidade da mulher na ciência, dos preconceitos que elas sofreram em uma área que foi dominada por eles, então o trabalho relata as dificuldades que elas enfrentaram para poderem ser reconhecidas na ciência. A sede de conhecimento fez com que elas ingressassem na universidade, onde até então só homens podiam atuar. Depois de enfrentar mais esse desafio, elas agora tentam ingressar em áreas tecnológicas, as quais são predominantemente masculinas. Depois de analisar dados históricos e ver as dificuldades que elas enfrentaram e enfrentam até hoje, foi feita uma pesquisa na área de tecnologia, na qual a UFERSA/Angicos foi selecionada para verificar esses impasses enfrentados por elas.

A partir desta problemática é que foi realizada primeiramente uma revisão bibliográfica da temática e posteriormente um levantamento do número de mulheres do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia na UFERSA/Angicos. Foi feito um grupo focal com a temática de debate sobre gênero, ciência e tecnologia. Desse grupo focal foi selecionada uma amostra de alunas, que relataram suas histórias e dificuldades encontradas durante a graduação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MOVIMENTO FEMINISTA E GÊNERO

Historicamente, o homem sempre alcançou mais espaço nos diversos campos da esfera social, de modo que existiam papéis específicos para homens e mulheres. Ao mesmo tempo, muitas mulheres queriam exercer algumas profissões que até então só eram permitidas para homens. Tal cenário de desagregação gerou um sentimento de revolta, que ainda no século XVIII, no início da Revolução Francesa, fez as mulheres lutar por direitos iguais e tratamento igualitário, buscando conquistar o seu lugar nos espaços públicos, e deslocar-se da esfera privada que as limitava aos papéis de mães, donas de casa e esposa. Trata-se de uma luta pelo reconhecimento de sua cidadania. (PINTO, 2010).

O movimento feminista constitui-se numa “ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita” (TOSCANO E GOLDENBERG, 1992, p. 17). As primeiras integrantes que compunham os movimentos feministas eram mulheres de classe média e de alto nível intelectual.

A primeira onda do feminismo aconteceu na Inglaterra nas últimas décadas do século XIX quando as mulheres começaram a lutar pelos seus direitos, começando pelo direito do voto, e promovendo grandes manifestações públicas, muitas vezes levando à prisão das manifestantes. No Brasil não foi diferente, 1910 as primeiras manifestações dos grupos feministas foram também pelo direito ao voto, que só veio a ser conquistado em 1932. Conjuntamente à primeira onda do feminismo no Brasil também surgiu o movimento das operárias, que lutavam por melhores condições de trabalho nas fábricas e pela igualdade de salários (PINTO, 2010).

Uma personagem importante do movimento feminista no Brasil foi Bertha Maria Julia Lutz (Figura 1), que pode ser considerada como a maior líder desse movimento, tendo sido uma das responsáveis pela organização do movimento sufragista no Brasil. A militante participou dos movimentos feministas dos EUA e da Europa, trazendo então para o Brasil esse sentimento de luta pelos direitos (BRANDÃO, 2013).

Figura 1- O movimento feminista brasileiro.



Fonte: Brandão (2013).¹

O movimento feminista, ao longo de sua história, conseguiu várias conquistas para as mulheres, tais como: o direito do voto, a liberação sexual (impulsionada pelo aumento dos contraceptivos) e a luta pelo caráter sindical, entre outras conquistas trabalhistas.

Engana-se quem pensa que os movimentos feministas acabaram com as desigualdades entre homem e mulher. Ainda hoje as mulheres sofrem preconceitos e muitas delas continuam sendo submissas aos homens, que detêm maior poder e visibilidade em várias esferas de atuação na sociedade, ocupando a maior parte dos cargos de decisão e recebendo maiores salários.

Este sistema de dominação, exploração e opressão é denominado patriarcado. O patriarcado consolidou-se no século XX, determinando a hierarquia da organização familiar, onde o pai tem plenos poderes na esfera doméstica, incidindo também sobre as outras pessoas, como a mulher, os filhos e demais parentes (SILVA; CAMURÇA, 2004).

No que se refere ao patriarcado, Silva e Camurça (2004), afirmam que:

O sistema patriarcal estruturou-se ao longo do tempo pela dominação dos homens sobre as mulheres nos grupos domésticos e nas comunidades e hoje organiza a dinâmica das relações de gênero e os instrumentos de dominação que atuam em toda a sociedade. Esta dinâmica se faz através das leis e costumes, da economia, das formas de organização social e de todas as dimensões da vida política e cultural (p.6).

¹ Disponível em: <http://www.ohistoriante.com.br/voto-feminino.htm> Acesso em: 25 mar. 2013.

O patriarcado está relacionado com o gênero, tendo em vista que a partir dele é dada uma função e hierarquia que o gênero masculino vai exercer na sociedade.

O conceito de “gênero” surge primeiramente entre as feministas norte-americanas, com o intuito de distinguir gênero de sexo. Especialmente no meio acadêmico, havia o temor de que os estudos feministas abordassem a mulher separadamente do homem, e por isso foi introduzida à categoria gênero para evidenciar a ligação entre ambos, além da hierarquia em que são submetidos/as (SCOTT, 1990).

A autora afirma que com a introdução do conceito gênero nos estudos sobre as mulheres vários paradigmas foram quebrados, contribuindo, assim para a compreensão e avaliação crítica dos problemas sofridos pelas mulheres no campo científico. Ademais, a utilização de tal categoria, buscava ainda, imprimir legitimidade científica aos estudos sobre mulheres que, no meio acadêmico, eram tidos como inferiores aos demais campos.

Foi difícil para os/as historiadores/as feministas provarem que as mulheres são parte da história e que elas participaram da construção da história política, econômica e demais áreas do conhecimento. Assim, as majorias dos/das historiadores/as não feministas defendiam que:

As mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente ou a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica. (SCOTT, 1990. p.05)

Até a década de 1990, gênero era um conceito empregado apenas no campo acadêmico e nos grupos de mulheres, mas hoje esse conceito é abordado em vários lugares e contextos. Embora o conceito de gênero seja amplamente utilizado em diferentes campos científicos, é comum a utilização errada do conceito de gênero. Tal equívoco relaciona gênero com sexo, mas, na verdade, sexo está relacionado às características biológicas no corpo, que as pessoas possuem por já nascerem com elas.

Outra ideia que podemos compreender a partir das relações entre gênero e sexo é que os animais não tem gênero, mas sim sexo, ou é macho ou fêmea. Então gênero é algo inerente aos seres humanos, pelas relações sociais que estabelecem. Os seres humanos não nascem com um gênero, trata-se de uma construção social. Isto quer dizer que a sociedade define um significado do que é ser homem ou do que é ser mulher. Gênero está diretamente relacionado com uma hierarquia, com uma relação de poder. A questão também não está relacionada somente à relação entre homem e mulher (inter gênero), mas também à relação entre mulher e

mulher, ou entre homem e homem (intra gênero). Em qualquer uma dessas relações pode haver domínio de um sobre o outro, é o que pode ser enquadrado como uma relação de gênero (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004).

Atualmente, a discussão acerca das desigualdades de gênero faz parte da nossa realidade em diferentes contextos. Grupos feministas e a própria sociedade falam em gênero para explicar o comportamento dos homens e das mulheres na sociedade, refletindo assim, sobre os motivos das mulheres sofrerem tanta discriminação nos diversos campos sociais (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004).

Quando falamos que não nascemos com gênero e sim que a sociedade tenta criar sobre as pessoas, estamos nos remetendo à questão de socialização, que é a forma de aceitar os fatores do meio em que vivem, ou seja, a imposição de padrões sociais à conduta individual. Tais padrões são construídos, inicialmente, pela família, na relação do poder que os adultos têm sobre as crianças, destacando-se a reprodução de valores e princípios. Desta forma a criança começa a aprender e a tomar atitudes ou desempenhar um papel em conformidade com aquilo que lhes é repassado pelas referências familiares (CAMPOS, 2002). Quando as crianças não têm a mínima ideia de como se comportar ou como agir, aprendem com os pais ou com as pessoas mais velhas, desde a maneira de como se comportar até a questão do que gostar, como por exemplo, meninos tem que brincar de carrinho e meninas de casinha e boneca.

Desde a infância já aprendemos que as mulheres têm que casar e cuidar dos filhos, e os homens têm que trabalhar para sustentar a casa, mantendo essa relação de espaço público e espaço privado. Sendo o espaço público relacionado com o homem, representando a “razão” (patriarcado), e a mulher à espaço privado, à emoção, ao cuidado com a casa, e os filhos. Quando a mulher trabalha fora de casa, e ainda tem que ser doméstica e mãe, ela participa tanto do espaço privado como do espaço público, gerando assim uma sobrecarga, conhecida como jornada dupla ou jornada tripla de trabalho (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004).

2.2 MULHER E MERCADO DE TRABALHO

Por muito tempo, a sociedade viveu e continua vivendo em um sistema patriarcal, onde a função do homem era trabalhar e sustentar a casa, enquanto que a mulher tinha que ficar em casa cuidando dos filhos e do lar, sendo vistas apenas como um objeto de reprodução, responsável ainda pela administração doméstica. (ESPINDOLA, 2011). No início da I e II Guerra Mundial, as mulheres ingressaram de forma significativa no mercado de

trabalho, enquanto seus maridos, os ditos provedores do lar, foram para guerra, restando, assim, a elas o dever de garantir o sustento da família. Até então, naquela época, o trabalho da mulher se resumia em cuidar da casa, educar os filhos e desenvolver pequenos trabalhos como fazer doces, ou lavar roupa para fora, mas, com a responsabilidade de prover o sustento da família, elas passaram a fazer assim atividades cuja função era dita de homens (PROSBT, 2008). Logo as mulheres foram trabalhar nas fábricas e assim ganharam o seu espaço na sociedade, no mercado de trabalho (ESPINDOLA, 2011).

As mulheres reivindicaram melhores condições de trabalho, e direitos trabalhistas igualitários. Suas reivindicações tiveram algum sucesso e foram beneficiadas com alguns direitos. Na pauta de luta das trabalhadoras estavam o direito de receber o mesmo salário que o do homem exercendo a mesma função sem distinção de sexo, a proibição de jornada de trabalho entre às 22 horas e 5 da manhã e a proibição de mulheres grávidas trabalharem quatro semanas antes e quatro semanas depois do parto. Essas leis não foram cumpridas, pelo contrário, as mulheres eram exploradas e discriminadas, e continuaram trabalhando cerca de 14 à 18 horas por dia, recebendo, ainda hoje, salários inferiores aos dos homens. Como justificativa os patrões defendiam que os homens tinham a função de sustentar o lar e elas não (PROSBT, 2008).

Por muito tempo o trabalho foi associado aos homens, mas sabemos que as mulheres sempre trabalharam, seja na agricultura, nas fábricas ou em casa. Trabalhos estes despercebidos e desvalorizados, pois o trabalho doméstico é invisibilizado por não ser remunerado, evidenciando, deste modo, a lógica do capital.

Existem trabalhos que são considerados masculinos e outros considerados femininos, o que implica na divisão sexual do trabalho. Tarefas que são consideradas de homens são aquelas que necessitam de raciocínio, força e poder. Já tarefas como cuidar da casa, cuidar dos filhos ou até mesmo dos idosos, são consideradas femininas, e por isso são desvalorizadas e muitas vezes não chegam a ser percebidas como trabalhos (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004).

Sabe-se, no entanto, que essas divisões não são devido às características biológicas, mas sim a construções históricas e sociais que definem os estereótipos de gênero. Segundo Danièle Kergoat:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.). Esta forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o *princípio de*

separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o *princípio de hierarquização* (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher). (KERGOAT, 2000, p.01).

Para Kergoat (2000) a divisão sexual do trabalho não é natural, e sim uma questão que mais uma vez a sociedade tenta impô-lo sobre as pessoas, enfatizando assim as relações hierárquicas de gênero que oprimem as mulheres em diferentes cenários.

A divisão sexual do trabalho não é uma norma ou lei a ser seguida, pelo contrário, depois de anos de lutas e discriminações, hoje as mulheres estão ocupando lugares considerados masculinos, e assim conquistando cada vez mais o seu espaço no mercado de trabalho e na sociedade (KERGOAT; HIDRATA, 2007). Com relação às conquistas das mulheres Probst afirma que:

O mais interessante é que nesse processo de conquista as mulheres que mais avançam são justamente aquelas que não fazem da condição feminina seu “Cavalo de Tróia”. O feminismo não as levou além das manchetes de jornais e noticiários de televisão. Nenhuma mulher se tornou astronauta, juíza da Suprema Corte, presidente de uma corporação apenas por não ser homem. Ou seja, não subiram por necessidade das corporações de diversificar seu quadro. Subiram por seus méritos medidos pelos padrões que valem tanto para homens quanto para mulheres (PROBST, 2008 p. 05).

Com essa afirmação está mais que comprovado que as mulheres estão tentando mudar esse quadro de divisão sexual do trabalho, através de lutas e méritos elas aos poucos tentam reverter esse quadro.

Depois de serem discriminadas e desvalorizadas as mulheres passaram a ganhar força e prestígio socialmente, conquistando mais independência e questionando o lugar que lhes é imposto pelos homens. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) houve um aumento de 35% de famílias que são lideradas por mulheres (sustentam a casa, embora o pai/marido continue sendo o chefe da família e o provedor). Atualmente as mulheres representam 41% da força de trabalho do Brasil, no entanto, apenas 35,5% possuem carteira assinada, contra 43,9% dos homens. Outras pesquisas apontam que com 12 ou mais anos de estudos as mulheres recebem cerca de 58% do salário dos homens. Ficando assim claro a discriminação e preconceito que elas vivem até os dias atuais.

Apesar do aumento significativo das mulheres no mercado de trabalho, estas ainda sofrem discriminações constantes, e recebendo salários inferiores. Isso além de ter uma vida dedicada ao trabalho, elas ainda se dedicam a questões da casa, e da família, fazendo as conhecidas jornadas duplas e triplas, sendo uma vida mais sofrida do que a deles. Mesmo que

numa família o pai e a mãe trabalhem fora, cuidar da casa e dos filhos ainda fica com elas, embora que às vezes eles ainda ajudam (PROSBT, 2008).

O mercado de trabalho tem sido marcado pelas desigualdades de gênero, o que gera a necessidade da formulação de políticas de empregos e inclusão social. Ao longo do tempo um novo perfil vem sendo traçado no cenário organizacional, e as mulheres vêm ocupando espaços sociais, profissionais e culturais que antes não lhe eram atribuídos. Dessa maneira as organizações passam a ter novas formas de conflitos, que dão origem a discussões e compreensão relacionada ao fenômeno “Teto de Vidro”.

O fenômeno Teto de Vidro propõe um modelo de discriminação, que supõe que a produtividade feminina é menor que a capacidade de produção dos homens, uma vez que, estes estão em plena e pronta capacidade de criação e inovação das tarefas exigidas pelo mercado. Dessa forma, as mulheres são subestimadas no cenário organizacional e passam a travar uma batalha para a sua inclusão e permanência no mercado de trabalho (CARDOSO, 2012, p.01).

Podemos perceber que a carreira feminina no mercado de trabalho é dificultada por aspectos socioculturais, relacionados ao gênero, e não por suas habilidades profissionais. Tal fenômeno retrata as barreiras invisíveis enfrentadas por elas para conseguir se engajar no mercado de trabalho (CARDOSO, 2012, p.01).

Na forma organizacional das empresas, de acordo com o aumento do nível hierárquico percebe-se a menor participação das mulheres. Isso ocorre pelo fato de que o aumento de um cargo na empresa exige maior dedicação, logo, se as mulheres além de trabalhar têm que ter tempo para cuidar da casa e dos filhos, isto dificulta assim que as mulheres de cheguem ao nível mais alto das empresas (CARDOSO, 2012, P.01).

2.3 MULHER E CIÊNCIA

As mulheres sempre produziram conhecimento, embora o campo acadêmico, fundamentado em uma visão sexista e preconceituosa, tenha limitado o acesso das mulheres, as invisibilizando mesmo em situações de destaque. A mulher sempre enfrentou obstáculos em todos os meios que circulava inclusive para seguir carreira na academia, tendo em vista que as Universidades também se consolidaram a partir de valores patriarcais e machistas. Também no campo científico, as mulheres sofreram preconceitos e discriminações pelo simples fato de serem mulheres, sem que fossem consideradas suas competências no campo

de atuação profissional. A busca pelo conhecimento e a curiosidade do novo é inerente a qualquer ser humano, seja homem ou mulher, ambos têm a mesma capacidade de realizar pesquisas científicas e produzir conhecimento, embora na prática haja, em dados setores, um entendimento de que as mulheres não podem fazer ciência em qualquer área (CARVALHO, 2011).

As referências para o estudo do corpo humano que eram realizados pelos homens, por exemplo, tomavam sempre o corpo masculino. No final do século XVII não se cogitava as especificidades do feminino, com características diferentes. O conhecimento que as parteiras tinham sobre o corpo feminino não era considerado científico e em alguns momentos foi denominado de bruxaria (CARVALHO, 2011).

A história revela que o campo científico sempre foi dominado pelo homem, que teve quase que exclusividade nos diferentes campos inicialmente instituídos. Assim os códigos e o mundo científico foram construídos sobre regras androcêntricas, que não se encaixavam às características consideradas femininas pela sociedade da época, nos séculos XV, XVI, XVII. Segundo a antropóloga Marília Carvalho:

Após a Revolução Industrial, já consolidada na Europa no século XIX, ocorre um desenvolvimento tecnológico essencial para o aumento da produtividade e o conseqüente aumento da acumulação de riqueza, fundamental para o capitalismo. As mulheres também foram excluídas das invenções e inovações tecnológicas, pois suas atividades estavam limitadas à esfera privada da domesticidade e maternidade. Mesmo as mulheres operárias que trabalhavam nas fábricas, apenas movimentavam as máquinas, mas não as concebiam. Por outro lado, o conhecimento tecnológico produzido pelas mulheres no ambiente doméstico não era considerado útil para o mercado capitalista e representava, digamos assim, um conhecimento de “segunda classe”, desvalorizado e não científico. Assim, ciência e tecnologia foram construídas majoritariamente por homens, dentro de uma lógica masculina (CARVALHO, 2011 p.02).

Cabe observar que quanto à prática de pesquisa científica e circulação no meio acadêmico, as mulheres não produzem sob as mesmas condições que os homens. O efeito dos papéis femininos na esfera privada (cuidados domésticos, dos filhos, doentes, idosos) que constroem as identidades de gênero, evidenciam qual é o lugar das mulheres nesta lógica machista. As mulheres não tinham- e na verdade não têm- um tempo integral para a produção científica, o que representa ferramenta chave na produção da pesquisa. Embora atualmente as mulheres sejam grande parte do corpo docente das Universidades brasileiras, permanecem com suas trajetórias diferenciadas se compararmos suas carreiras com a de seus colegas homens, na mesma função.

Fox Keller relata que:

Em particular procurei entender a gênese da divisão sexual e emocional do trabalho, tão conspicuamente dominante em minha própria geração, que rotulava mente, razão e objetividade como ‘masculinas’, e coração (e corpo), sentimento e subjetividade como ‘femininos’ e que, portanto, estão subjacentes à exclusão das mulheres do empreendimento científico (KELLER, 2006, p. 15 *apud* Bandeira, 2008, p.215).

Keller (2006) lançou uma crítica ao sistema de dominação dos homens no conhecimento científico.

Outras teorias, ainda hoje, tentam desvendar o porquê da “invisibilidade” das mulheres na ciência, a sua ausência em vários momentos da história, ficando sempre em segundo plano na ciência, embora sempre estivesse presente na geração de conhecimento de maneira coadjuvante. Uma vez que atuavam como auxiliares por serem impedidas por seus pares na academia, foram, assim invisibilizadas, agindo nas “sombras da história do conhecimento”. No entanto, se resgatarmos a história com atenção pode-se perceber que as mulheres deram importantes contribuições à ciência, não apenas no campo dos estudos sobre as mulheres ou a da luta política, mas em áreas como física, a química ou matemática.

Na verdade, a ausência da presença das mulheres na ciência diz respeito à predominância de uma ideologia que continua sustentando a objetividade, a neutralidade e a racionalidade da ciência e a existência de poucas mulheres para escrever sobre a relação gênero e ciência (COSTA, 2006, p.456).

Como a ciência foi predominantemente dominada pelos homens, foi preciso estudar como se constroem as relações de gênero no campo da ciência e tecnologia, para que pudéssemos resgatar a participação e contribuição das mulheres na ciência e tecnologia. O modelo de sucesso masculino na ciência e na tecnologia é devido ao compromisso do tempo integral disponível que têm para a continuidade das pesquisas. As mulheres, por outro lado, precisam se organizar para atuar no campo acadêmico, mas também no espaço doméstico, tendo em vista que ainda hoje a maior carga de trabalho relativa aos cuidados com os filhos e administração da casa recai sobre a mulher (COSTA, 2006).

As mulheres ingressaram na universidade primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, sendo uma universidade exclusiva para mulheres, a partir da segunda metade do século foi que as universidades começaram a se espalhar por quase todo o país. Sendo que a maioria dos cursos era bacharelados, sem contar que os cursos ofertados para mestrados eram poucos e quase nenhum para doutorado (BEZERRA, 2011).

Uma das mulheres que mudou a história da ciência foi a polonesa Marie Slodowska-Curie, que é considerada uma das grandes cientistas do século XX, graduada em matemática e física, e ganhadora de dois prêmios Nobel, um de Física, em 1903 (conjuntamente com o seu marido) e outro em química, em 1911, pioneira em estudos que contribuíram na compreensão da radioatividade. O seu primeiro prêmio Nobel teve que ser dividido com o marido porque na época não se permitia que as mulheres fossem premiadas. Marie Curie também foi a primeira mulher a receber o título de Doutora na Europa e a primeira pessoa a receber dois prêmios Nobel, além de ser a primeira mãe de uma ganhadora a receber o prêmio Nobel, foi à única mulher por seus méritos a ser sepultada na abóbada do Pantheon em Paris, onde antes só cientistas homens podiam ser enterrados (ARROIO, 2005).

Figura 2- Marie Curie



Fonte: Arroio (2005).²

Uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Educação (MEC) mostrou que no ano de 2007 do total de 4.880.381 matriculados/as no ensino superior no Brasil, cerca de 2.680.978 são matrículas realizadas por mulheres, o que indica que elas têm o acesso livre às universidades, destacando-se o ingresso nos cursos de letras, enfermagem, entre outros. As matrículas realizadas por homens são predominantemente em áreas denominadas masculinas como engenharia, arquitetura, medicina etc. Com isso, percebemos que hoje o desafio da mulher não é só conseguir ingressar na universidade, mas de conseguir permanecer e se fixar em áreas de predominância masculina, desencadeando mais uma luta contra o sexismo no meio acadêmico (BEZERRA, 2011).

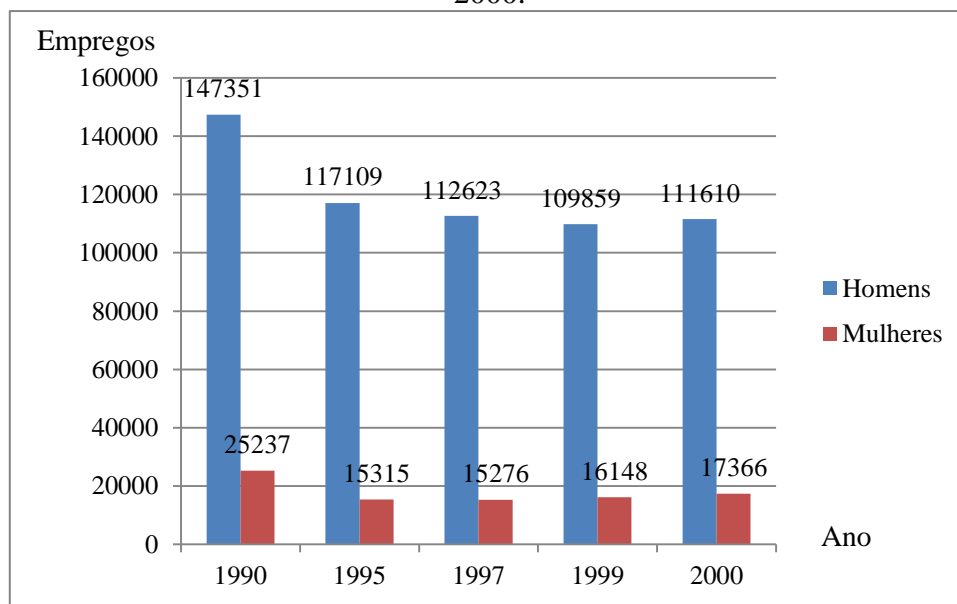
² Disponível em: http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_29/MarieCurie.html Acesso em: 26 mar. 2013

2.3.1 A Mulher na Engenheira

Como foi dito anteriormente, hoje a mulher não tem como desafio apenas ingressar na universidade, mais sim o de ingressar em áreas predominantemente masculinas e construir uma trajetória acadêmica em condições de igualdade. O curso de engenharia é um exemplo simbólico da desigualdade de gênero no meio acadêmico.

Vários estudos realizados comprovam a desigualdade de gênero neste campo. Tal desigualdade parte do princípio de que ciência e tecnologia integram o universo masculino. Deste modo, a presença feminina é pouco significativa, embora o quadro atual seja bem diferente do que ocorria no início do século XX. No Gráfico 1 percebemos o total de empregos para engenheiros e engenheiras no Brasil.

Gráfico 1 - Empregos para engenheiros no Brasil dividido pelo sexo, entre os anos de 1990 e 2000.



Fonte: RAIS 2000. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.

Lombardi (2002) evidencia em seus trabalhos as relações sociais nos espaços de atuação e no campo profissional dos engenheiros/as. No Gráfico 1 a autora mostrou as mudanças de emprego para engenheiros no Brasil nas últimas décadas, apontando o grande contraste que existe entre os números de homens e mulheres engenheiras no mercado de trabalho.

No gráfico podemos perceber que em 1990 era cerca de 25 mil mulheres no mercado de trabalho e 147 mil homens, e em 1995 a mulher no mercado de trabalho era cerca de 15

mil e de homens era cerca de 117 mil, assim podemos perceber o número de homens e mulheres no mercado de trabalho vem caindo, mostrando assim que empregos disponíveis para engenheiros vêm diminuindo, e também a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho vêm caindo.

Outra análise que a autora fez, foi um comparativo de salário médio anual ganhos entre engenheiros e engenheiras, o que pode ser visualizado na tabela 1.

Quadro 1- Ganho médio anual de engenheiros e ganhos das mulheres em relação aos homens (em salários mínimos)

Sexo/Anos	1985	1990	1992	1995	1998	2002
Mulheres (a)	9,78	11,52	12,87	16,26	16,41	13,68
Homens (b)	16,54	23,29	22,36	25,02	23,39	19,23
Total	15,88	21,43	21,08	23,82	22,37	18,32
a/b (%)	59,13	49,46	57,56	64,99	70,16	71,14

Fonte: Ministério do Trabalho e emprego/Rais (Brasil, 1985, 2002a.)

Obs.: Includos arquitetos e designers.

Com tal análise, fica visível a diferença de remuneração que as mulheres recebem com relação aos homens. Mesmo com o passar dos anos, tabus sendo quebrados, a mulher ainda não conseguiu se igualar aos homens no mercado de trabalho.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da presente pesquisa pautou-se, inicialmente, em uma revisão bibliográfica das obras que são referências no campo de estudo de gênero, especialmente no que tange à compreensão da categoria de gênero vinculada à discussão da ciência e tecnologia. Neste sentido, a revisão bibliográfica que fundamentou teoricamente este trabalho nos deu subsídio para a contextualização não apenas da categoria de gênero, mas também do movimento feminista, da participação da mulher na ciência e, mais especificamente, a participação da mulher na engenharia.

Segundo José Luiz Ribeiro:

O referencial teórico é a base que sustenta qualquer pesquisa científica. Antes de avançar, é necessário conhecer o que já foi desenvolvido por outros pesquisadores. Assim, o estudo da literatura, contribui em muitos sentidos: definição dos objetivos do trabalho, construções teóricas, planejamento da pesquisa, comparações e validação (RIBEIRO, 2007, p.02).

Afora a revisão bibliográfica, foi feita uma análise de dados que foram disponibilizados pela Divisão de Registro Escolar (DRE), fazendo assim uma pesquisa quantitativa. Considerando o objetivo do presente TCC em analisar a visibilidade de gênero no corpo discente do curso de Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BCT), da Universidade Federal Rural do Semiárido, no campus Angicos, foi solicitado junto àquela unidade (DRE) os dados relativos ao número de alunos e alunas na UFERSA/Angicos. Sendo assim, realizamos também uma pesquisa documental uma vez que analisamos dados institucionais da Universidade. Conforme descreve Gil (2000, Pag. 05), “a pesquisa documental vale de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”.

Ter acesso aos documentos do DRE foi extremamente importante para que pudéssemos ter uma visão geral da composição do corpo discente da UFERSA/Angicos do curso de BCT. Sabe-se que os cursos tecnológicos e de engenharia foram, historicamente, construídos como espaços estritamente masculinos, quadro este que vem se alterando nos últimos anos.

Neste sentido, foi feito uma análise quantitativa dos dados obtidos através da pesquisa documental e uma análise qualitativa dos dados oriundos do grupo focal. O grupo focal foi realizado na disciplina de Sociologia do BCT, do turno vespertino. Após a aula de Movimentos Sociais, Gênero e Feminismo de responsabilidade da Prof^ª. Marcela Amaral, as alunas foram convidadas a permanecer em sala de aula para participar da atividade. Durante a

aula foi exibido um filme acerca da questão de identidade de gênero e da diversidade sexual. Ao final, permaneceram quatro alunas que se dispuseram a participar. Onde essas alunas ficaram livres para comentar sobre suas trajetórias na Universidade e histórias de vida, assim relatando as dificuldades que encontraram ao longo do curso. Alunas foram escolhidas pelo fato de estar cursando o quinto período de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, assim tendo mais experiência no curso.

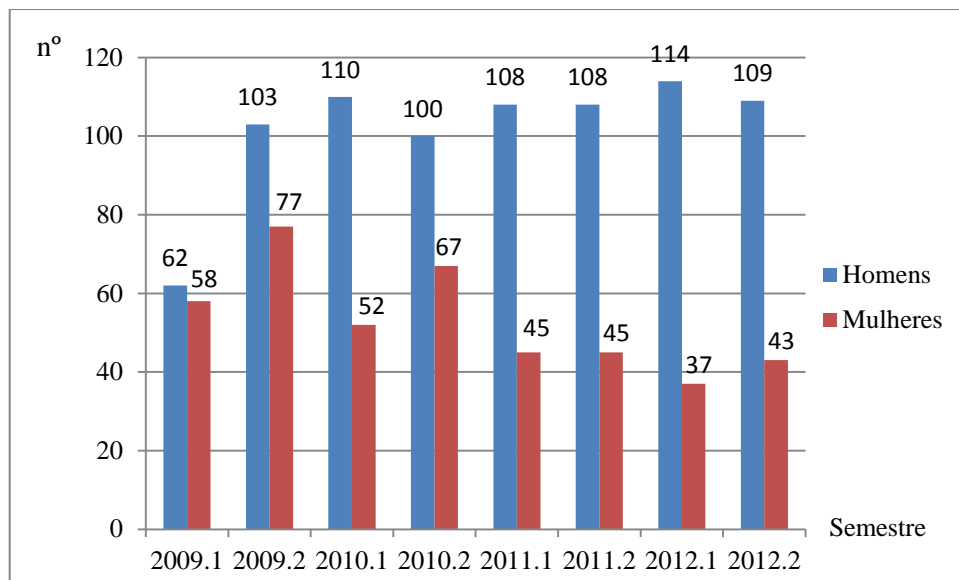
Segundo Maria Gomes e Eduardo Barbosa:

Grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão (GOMES; BARBOSA, 1999. p.1).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro passo da pesquisa foi fazer um levantamento de dados quantitativos de acordo com cada semestre. O Gráfico 2 representa a quantidade de homens e mulheres que ingressaram no curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BCT), na Universidade Federal Rural de Semi-Árido (UFERSA), Campus de Angicos-RN, entre os anos de 2009 a 2012.

Gráfico 2 - Quantidade de homens e mulheres que ingressaram no curso de BCT entre os períodos de 2009 a 2012, na UFERSA, Campus de Angicos-RN.

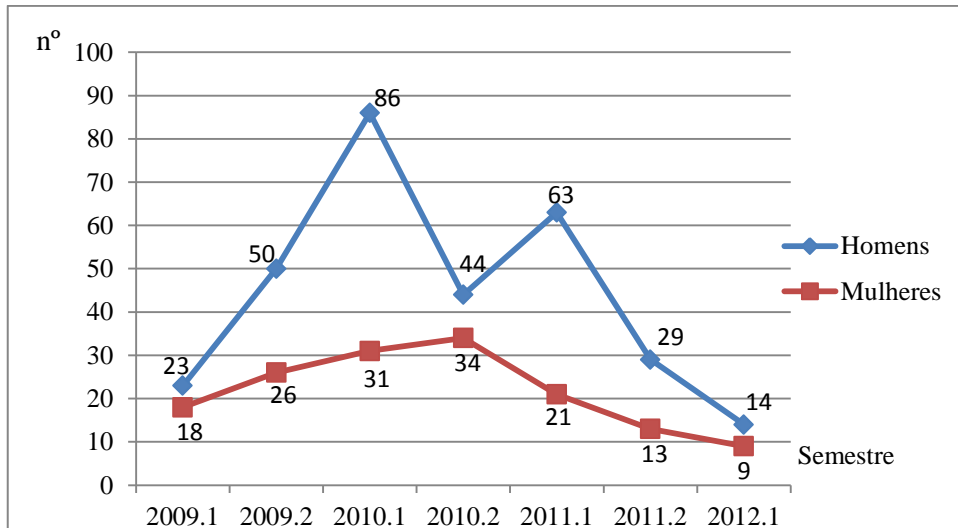


Fonte: Autoria própria (2013).

De acordo com o Gráfico 2 pode-se perceber a diferença entre o quantitativo de homens e mulheres cursando Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BCT), no qual a maioria dos casos o número de homens foi superior ao de mulheres matriculadas neste curso, fazendo assim, uma reafirmação do que foi dito anteriormente, com relação ao preconceito que elas vivem ao ingressar em uma área de predominância masculina. O semestre 2009.1 podemos perceber que o número de homens e mulheres foi quase um empate técnico, não sabemos ao certo o porquê que nos outros anos essa diferença foi tão superior, uma das hipóteses que podemos considerar essa diferença não ser tão significativa, é pelo fato da maioria das pessoas que ingressaram naquele semestre morar na cidade ou morar em regiões vizinhas, e como não existe outra universidade na cidade, elas viram uma grande oportunidade de ensino na UFERSA.

Já o Gráfico 3 apresenta a quantidade de alunos/as que desistiram do curso entre os períodos de 2009.1 a 2012.1.

Gráfico 3 - Desistência do curso de BCT no campus de Angicos.

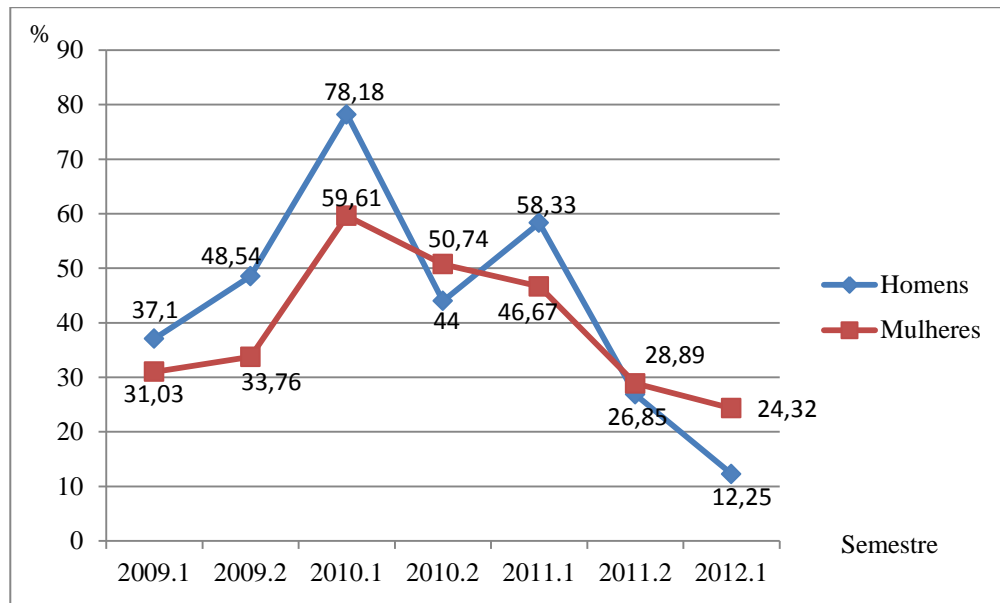


Fonte: Autoria própria (2013).

O Gráfico 3 mostra o número de homens e mulheres que desistiram do curso, onde podemos perceber que o número de homens desistentes é maior que o número de mulheres, contrariando assim as expectativas pois tratando de um curso tecnológico, o esperado era que as mulheres desistisse mais que do que os homens.

Como o número de homens que ingressam na Universidade é maior do que o das mulheres, então o número de homens que desistiram tinha que por lógica ser maior. Então para uma análise mais detalhada do assunto, foi feito outro gráfico (Gráfico 4) mostrando a porcentagem de desistência deles e delas. Esse percentual foi feito através dos números de ingresso com o número de desistência.

Gráfico 4 - Porcentagem de desistência de acordo com o sexo.



Fonte: Autoria própria (2013).

O Gráfico 4 apresentam a porcentagem de matriculados/as no curso e também de desistência. Em alguns pontos percebe-se que as mulheres desistiram mais do que os homens. Não se pode concluir ao certo o motivo de tal desistência feminina, mas pode-se cogitar a hipótese que seria por algum preconceito vivido na universidade, dificuldades de permanência ou adaptação, ou ainda por outras responsabilidades assumidas em sua vida pessoal, como maternidade ou cuidado com familiares.

Após a coleta dos dados quantitativos, foi feita uma coleta de dados qualitativos, onde se trabalhou em forma de um grupo focal buscando os relatos das alunas acerca de suas histórias de vida e os preconceitos vividos na universidade ou em suas famílias. Como foi dito anteriormente, grupo focal foi realizado com alunas do quinto período, em uma idade média de 21 anos.

A primeira aluna relatou que a grande influência de ter entrado em um curso no qual a área é predominantemente masculina foi do pai. Ele queria que ela seguisse os passos dele, tornando-se engenheira. A aluna queria seguir a carreira de direito, mais preferiu ceder aos desejos do pai. Quando foi questionada sobre qual engenharia queria seguir, ela indecisa optou por civil ou mecânica, ao relatar que queria seguir carreira de engenharia mecânica, foi questionada: “Mecânica? Só tem homem nesse curso!”. E mais uma vez optou pela vontade do pai, escolhendo engenharia civil. Ao debatermos o que esperam com a conclusão do curso e a entrada no mercado de trabalho, relatou que tem medo do preconceito que venha a sofrer, pois acha complicado a mulher se igualar aos homens em uma área que é predominante deles,

entendendo, ainda, que a sociedade pode vir a discriminá-la duvidando de sua capacidade como engenheira civil.

Outra questão que foi debatida foi o que mudou na sua vida ao ingressar em uma universidade. Segundo a participante, ocorreram muitas mudanças. Principalmente o fato de morar em uma cidade distante de onde residem os seus pais (fato que não aconteceria naturalmente, motivado pelo ingresso na Universidade), o que ocasionou uma variação em seu ciclo de amizade, tendo contato com pessoas de outra orientação sexual, por exemplo, o que não existia antes pelo fato do pai ser preconceituoso. Um outro elemento é que quando morava com os pais não podia sair muito de casa por conta dos ciúmes do ex-namorado, e quando ela chegou a Angicos começou a mentir para poder sair de casa e até mesmo para estudar em outras casas. Afirmou ter que mentir, dizendo que estava em casa dormindo para poder conseguir estudar com outras pessoas, sobretudo quando o grupo de estudo era misto, ou seja, homens e mulheres.

Ao ser perguntada se gostaria de voltar para casa, respondeu que não, pois lá os pais dela continuam com a mesma percepção de antes, e que em Angicos vive em um mundo diferente, mais livre e com pessoas diferentes. A aluna não se vê mais voltando para aquela vida pacata e com menor liberdade, onde estava submetida aos poderes do pai. Sobre os preconceitos que vivenciou dentro da Universidade, afirmou que os alunos sempre brincam com as mulheres, fazendo comparação com o dia a dia doméstico. Uma das brincadeiras que ocorreu recentemente no laboratório de química, foi quando a aluna manuseava uma vidraria, e um colega de turma afirmou que a mesma tivesse cuidado, pois aquilo não seria um utensílio de casa, dizendo: “isso não é um bolo”.

A mesma também já afirmou ter passado por insinuações de duplo sentido por parte de alguns docentes, o que pode ser caracterizado como assédio moral. Mesmo participando de um projeto na área de mecânica, ainda ali enfrenta dificuldades por parte da equipe, composta em sua maioria por homens, que muitas vezes não acreditam em seu potencial construtivo, colocando-a na parte burocrática do projeto, não permitindo que a mesma trabalhe com o manuseio de materiais.

A segunda aluna relatou que não sofreu preconceito com relação à escolha da profissão, pelo menos entre os familiares e os amigos, querendo assim seguir carreira de engenharia mecânica, mas afirmou que também tem medo do preconceito que irá enfrentar no mercado de trabalho, pelo fato da área que está atuando, tanto pelos amigos de trabalho quanto pela sociedade, duvidando de sua capacidade como engenheira. A mesma relatou que não sofreu nenhum preconceito na Universidade.

No entanto, relatou que viveu um tipo de opressão da parte do ex-namorado, pelo fato de morar longe dela. Assim como o parceiro da aluna anterior, este não queria que a mesma saísse para estudar com outras pessoas, desconfiando de que os estudos poderiam ser uma desculpa para traição ou coisa parecida.

Outra aluna relatou que antes de entrar para o curso de engenharia, optava pelo curso de direito, mesmo achando um curso de difícil acesso e com o mercado bastante saturado. Depois de tentar algumas vezes ingressar nesse curso, acabou passando em Angicos, e cansada de tentar direito optou em fazer engenharia. Ao escolher o curso de engenharia civil foi questionada pelo pai e pelas irmãs (da área da saúde e que gostariam que ela seguisse o mesmo caminho), pela escolha do curso dizendo: “que curso de homem é esse?”, “um amigo meu disse que só tinha homem em engenharia civil, porque você não faz arquitetura?”, “tem mulher na sua turma?”. Percebendo assim uma imagem distorcida que as pessoas têm com relação às mulheres em áreas tecnológicas. Evidenciando o que Carvalho (2010) relatou, que “ciência e tecnologia foram construídas majoritariamente por homens, dentro de uma lógica masculina.”, mostrando assim o porquê do pai e irmãs terem uma imagem distorcida da filha em área tecnológica.

Depois de dois anos e meio na universidade, o pai tem outro posicionamento com relação à opção da filha, a incentivando assim a continuar no curso, dizendo: “vai fazer engenharia civil mesmo? Tem que fazer porque dá dinheiro”, percebendo assim uma mudança no pensamento do pai. A mesma relatou ainda que aqui existe preconceito sim, por ser um curso considerado masculino. Muitas vezes os homens se dão melhor (mostrando assim o fenômeno Teto de Vidro que foi discutido anteriormente, fenômeno esse que retrata que as mulheres não são capazes de engajar em certas áreas, sendo tal fenômeno imposto pela sociedade), afirmou também que há casos de alunas que desistiram de fazer engenharia mecânica, por causa do preconceito vivido na Universidade. Sobre sua história de vida, a aluna disse que em casa já sofreu muitos preconceitos com relação as suas atitudes e amizades. Antes de morar em Angicos, ela fazia cursinho em Natal, e lá começou a ter amizade com mulheres de orientação sexual diferente da dela. Por isso as irmãs a mudaram de colégio com medo da influência que as mesmas podiam ter sobre ela.

Ainda sobre esta participante, ainda hoje quando retorna para a casa de sua família aos finais de semana, a mãe a questionava por ter um perfil “diferenciado”, dizendo: “Você é um menino!”. Tal questionamento é motivado não pela sua orientação sexual, mas pelo exercício de liberdade, por sair à noite e chegar em casa tarde e também por não gostar de trabalhos domésticos, o que traz questionamento também da parte das irmãs que dizem: “Como você

vai casar?”, comparando o fato de não gostar de trabalhos domésticos, com a impossibilidade de se exercer o papel de esposa ou mãe, evidenciando, assim, aspectos elementares da divisão sexual do trabalho. Evidencia novamente o que foi tratado anteriormente segundo Keller (2006), “que rotulava mente, razão e objetividade como ‘masculinas’, e coração (e corpo), sentimento e subjetividade como ‘femininas’”, mostrando assim essa relação de divisão sexual.

Outra aluna relatou que antes de entrar na universidade optava pelo curso de fisioterapia por causa do pai, mas a aprovação em um curso tecnológico a fez a mesma mudar de opinião. Em relação ao ingresso em um curso considerado masculino, a mesma foi questionada pela sua família, o porquê de fazer um curso tão diferente, levando em consideração que era diferente para ela, pois se tratava de um campo dominado pelos homens. Relatou também que os papéis do espaço público e privado na sua casa eram trocados, no caso a mãe trabalhava fora, e o pai era quem cuidava da casa. Apesar de o pai ter sido criado em uma família machista, mostrava-se mais carinhoso e sensível que a mãe. Não relatou nenhum tipo de preconceito vivido na Universidade, mas disse que na casa do namorado sofreu preconceito, quando é comparada com a cunhada, ouvindo comentários do tipo: “Essa é pra casar (falando da cunhada do namorado) e já essa não (falando da aluna)”, comparação esta feita pelo fato da aluna não gostar dos afazeres domésticos.

Através dos depoimentos das meninas, fica evidenciado o preconceito de gênero, seja por parte da Universidade ou por familiares, e amigos de fora. Esta realidade denota a existência de estigmas.

Além de estar em um curso onde o homem predomina em maior quantidade, as alunas também enfrentam preconceito dentro de casa, com discussões e diálogos preconceituosos. A família ainda tem uma visão muito antiga do que representa a mulher em nossa sociedade.

Na universidade evidenciei um grande número de ações que geram preconceitos, o fato de ser mulher é tido como fragilidade e inferioridade, a maioria dos alunos não acreditam na capacidade das mulheres. A mulher na universidade tem que se engajar mais ainda em projetos e trabalhos científicos, publicando e pesquisando no campo acadêmico, para um maior crescimento.

A universidade deve fazer mais eventos com o tema mulher, palestras, mini-cursos e seminários que envolvam o assunto, crescendo assim de certa forma o nome da força feminina no campo acadêmico, porque é visível o preconceito e nesta área das exatas, é com eventos deste porte que é mostrado a força da mulher neste campo.

A sociedade ainda julga o fato da mulher na engenharia, é com o crescimento da mulher neste setor que poderemos quebrar estas barreiras, que são de grande importância para o nome das mulheres em nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia teve como objetivo analisar a visibilidade de gênero no corpo discente da UFERSA/Angicos, especialmente no curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia-BCT, pensando, deste modo, na relação entre o curso e as histórias de vida das alunas, bem como das identidades de gênero. A opção pelo BCT se fez por este ser o primeiro ciclo da formação que dá acesso aos cursos de engenharia da Universidade, que historicamente são cursos majoritariamente masculinos.

A pesquisa foi iniciada com uma revisão bibliográfica centrada principalmente nos estudos de gênero. Em seguida nos lançamos em uma pesquisa quantitativa que analisou o número de homens e mulheres que ingressaram na UFERSA campus Angicos no curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BCT), e uma pesquisa qualitativa que através de um grupo focal.

O resultado da pesquisa mostrou que o número de homens que ingressaram no curso é superior aos das mulheres, confirmando assim o que foi estudado, que há bastante dificuldade da parte das mulheres em ingressar na universidade, mas principalmente em áreas que eles dominam como áreas tecnológicas. E com o grupo focal ficaram visíveis as dificuldades e preconceitos que as alunas sofreram e sofrem neste curso, tanto da parte dos/das discentes como dos/das docentes e dos familiares, parceiros e amigos. Além disso, não foi apenas na universidade que sofreram esses abusos, mas também na sua própria casa ao escolher o curso.

Apesar de ter comprovado que os homens ingressam em maior número do que as mulheres no curso, surpreendentemente em alguns períodos o número de desistência deles foi maior do que a delas, mas em alguns casos a desistência delas prevaleceu. Não sabendo ao certo o porquê da desistência delas, ficando assim esse assunto para serem problematizados em trabalhos futuros.

Com base no que foi apresentado nesse TCC, podemos concluir que a força da mulher no meio acadêmico só aumenta. Hoje elas ocupam diversos cargos importantes em todas as áreas. Antes as mulheres não tinham nem o poder de votar, hoje além de votar, há uma mulher no maior cargo político do nosso país, na Presidência da República. Apesar do grande crescimento da mulher na universidade, o preconceito e a discriminação persiste. Uma solução para tal problema seria inserir mais o tema da mulher na ciência e das desigualdades de gênero em suas palestras e pesquisas, de modo a trazer maior crescimento e valorização desta no meio acadêmico nas diferentes áreas de estudo, podendo assim engajar um maior

número de alunas nas áreas das ciências exatas e auxiliando as mesmas em pesquisas e trabalhos científicos.

REFERÊNCIAS

ARROIO, Agnaldo. **Marie Sklodowska-Curie: a mulher que mudou a história da ciência.** Disponível em: <http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_29/MarieCurie.html>. Acesso em: 26 mar. 2013.

BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência.** Estudos feministas, Florianópolis/SC, 2008.

BRANDÃO, Josi. **O voto feminino.** Disponível em: <<http://www.ohistoriante.com.br/voto-feminino.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

BEZERRA, Nathalia . **Mulher e universidade: a longa e a difícil luta contra a invisibilidade.** Disponível em: < <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

CAMPOS, Gian Marco Prestes de. **Socialização: como ser um membro da sociedade.** Disponível em: <<http://amigonerd.net/sociais-aplicadas/ciencias-sociais/socializacao-como-ser-um-membro-da-sociedade>>.

CAMURÇA, Sílvia; GOUVEIA, Taciana. **O que é gênero.** Instituto Feminista para a democracia, Recife/PE, 2004.

CARDOSO, Vanessa. **O fenômeno teto de vidro e a ocupação da mulher no mercado de trabalho.** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/o-fenomeno-teto-de-vidro-e-a-ocupacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/61094/>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

CARVALHO, Marília Gomes de. **Ciência, tecnologia, gênero e os paradigmas científicos.** 2011. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2011.

CASTRO, Carol. **Mulheres se saem melhor na chefia do que homens.** Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/cienciamaluca/mulheres-se-saem-melhor-na-chefia-do-que-homens/?utm_source=redesabril_jovem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_super>. Acesso em: 30 mar. 2013.

COSTA, Maria da Conceição. **Ainda somos poucas.** Cadernos Pagu, 2006.

ESPÍNDOLA, Gabriela. **A trajetória do poder da mulher: do lar ao mercado de trabalho.** Disponível em: <<http://www.slideshare.net/eudelucy/a-trajetria-do-poder-da-mulher-do-lar-ao-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 09 mar. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas.** 2000

GOMES, Maria Elair S.; BARBOSA, Eduardo F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos.** Disponível em: <http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2013.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.** 2000.

KERGOAT, Danièle; HIRATA, Helena. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de pesquisas, v. 37, n132, p. 595-609, 2007.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional.** Cadernos de pesquisa, v. 36, n 127, p. 173-202, 2006.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Mulheres engenheiras no mercado de trabalho brasileiro: qual o seu lugar?** 2002

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** 2009. Revista de sociol e política, Curitiba/PR, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2013.

RIBEIRO, José Luis Duarte. **Diretrizes para elaboração do referencial teórico e organização de textos científicos.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** New York, 1990.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Sílvia. **O feminismo e as lutas sociais.** Curso de formação política e feminista, Olinda/PE, 2008.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das Mulheres: Um balanço do feminismo no Brasil.** Rio de Janeiro: REVAN, 1992.